

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO FRANCÊS NO BRASIL

Alceu Amoroso Lima

Era 1900. Eu tinha seis anos então e contemplava, do outro lado do Sena, pela primeira vez, esta cúpula dourada, sob a qual os senhores estão sentados. Se algum vidente me tivesse predito, nesse instante, que sessenta e oito anos mais tarde esse menino brasileiro sentaria também entre os senhores, sem qualquer outro título senão o de uma certa fidelidade ao pálido reflexo do vosso espírito, eu o teria considerado louco. Mas, no nosso mundo louco, a loucura pode tornar-se profética. Eis-me, pois, entre os senhores. Desculpem-se, como os desculpo por sua escolha, só um pouco menos vivamente do que os agradeço de todo o coração, em nome da criança maravilhada de 1900.

Tenho a honra de suceder um eminente filósofo belga, M. Dupréel, "um grande servidor do espírito", como disse René Poirier. Conheço muito mal sua obra, de uma envergadura incontestável, para ter a audácia de falar-lhes dela nesse momento. Espero ter a oportunidade de fazê-lo logo que possa tomar conhecimento de um modo menos superficial, de seu pensamento e sua posição na história das idéias contemporâneas.

Do mesmo modo, meu pensamento só poderia pousar brevemente, como um pássaro, sobre a austera figura imperial do grande homem de nosso país, o qual me esmaga pela distância de valor e de hierarquia social que nos separa, o imperador D. Pedro II, que foi distinguido, no fim do século passado, como membro associado estrangeiro do Instituto da França, pela escolha dos predecessores dos senhores !

Calando-me, digo tudo...

*

A influência intelectual da França sobre o Brasil manifesta-se principalmente sob dois aspectos: o filosófico e o literário. Esta influência foi nula durante os dois primeiros séculos de nosso período colonial, os séculos XVI e XVII. Nesta época, viajantes franceses, como Jean de Léry ou missionários, como Yves d'Evreux, descreveram muito bem suas impressões de viagem, que ainda hoje são documentos de valor, principalmente para o conhecimento dos eventos da época e dos costumes de nossas populações autóctones. Pode-se até mencionar a importância que o contato com viajantes franceses, ingleses ou alemães, teve sobre as idéias do século XVIII e, de um modo muito especial, sobre o fim do Antigo Regime e sobre a Revolução Francesa. Desde o século XVI, a **Utopia** de Thomas Morus foi o resultado das conversações do Grande Chanceler da

Chancelier d'Angleterre, dans le Flandres, avec un portugais de retour du Brésil. Et en 1550, la présentation à Rouen de quelques indiens brésiliens "tupinambás" au roi de France Henri II, et leur conversation, par interprète naturellement, avec Michel de Montaigne, ont donné lieu aux deux magnifiques chapitres des *Essais* dédiés aux *Cannibales* et à leurs mœurs, dont l'étude a été si marquante, même avant le XVIII, pour les idées politiques et peut-être philosophiques de la Renaissance. On peut même dire, paradoxalement, que le Brésil a influencé la France, avant que la France ne devienne la source indirecte, et on peut même dire directe, de notre culture intellectuelle. Vous nous avez payé, royalement, ce que vous avez reçu de la bouche et des mœurs de nos ancêtres des forêts vierges... et même de nos "sauvages" contemporains (si sauvagement traités par certains de nos pseudo-civilisés compatriotes). Lévi-Strauss et même le plus moderne de vos courants philosophiques, le structuralisme, sont là pour le confirmer.

Ce n'est qu'au XVIII siècle, cependant, qu'une certaine répercussion de vos idées a commencé chez nous. D'abord par l'intermédiaire d'un de vos plus grands moralistes du XVII, La Rochefoucauld, qui est à la base des idées de notre premier penseur, Matias Aires, dans son ouvrage de 1752, *Réflexions sur la vanité des hommes*. Ensuite, à la fin du siècle, par la lecture de vos "encyclopédistes", maîtres des intellectuels brésiliens, qui ont lancé et ont payé de leur vie ou de leur liberté notre premier mouvement important d'indépendance, en 1789. Les livres des encyclopédistes ou de Voltaire étaient introduits clandestinement, à travers les douanes, où il y avait toujours un censeur en permanence, car les barrières des idées étaient à cette époque aussi rigoureuses que le sont aujourd'hui les barrières économiques et financières. Le *Mercure* était lu à la dérobée. Car le gouvernement portugais poursuivait alors avec la même rage qu'on emploie aujourd'hui, chez nous, contre les idées "communistes", ce qu'ils appelaient alors "les idées françaises", en faveur de la décolonisation et de la liberté politique.

Un des conjurés de ce mouvement, le poète Silva Alvarenga, a même été, à ce moment, l'introducteur du vers alexandrin dans notre poésie, jusqu'alors exclusivement fondée sur la poétique portugaise qui n'employait jamais ce type de vers. Molière a été un des maîtres de ce même poète, dans quelques-uns de ses poèmes satiriques. Il fut donc, on peut le dire, le patriarche de l'influence de votre littérature sur la nôtre. Je m'excuse de ne pas donner, exprès, des références bibliographiques plus précises, pour ne pas prolonger cet exposé si sommaire.

Si vos idées de philosophie politique ont joué un rôle important pour la chute de notre servitude coloniale au XVIII siècle, elles ont eu, de même, une certaine influence sur notre première Constitution du régime impérial, en 1823, qui doit beaucoup à Benjamin Constant et à

Inglaterra em Flandres, com um português que voltava do Brasil. Em 1550, a apresentação em Rouen, de alguns índios brasileiros “tupinambás” ao rei de França Henrique II, e a conversação daqueles (naturalmente através do intérprete) com Michel de Montaigne, deram lugar aos dois magníficos capítulos dos **Ensaio**s dedicados aos **Canibais** e a seus costumes, cujo estudo foi tão marcante, mesmo antes do século XVIII, para as idéias políticas e, talvez, filosóficas, do Renascimento. Pode-se mesmo dizer, paradoxalmente, que o Brasil influenciou a França, antes que esta se tornasse a fonte indireta e, pode-se mesmo dizer, direta, de nossa cultura intelectual. Pagamos aos senhores, regamente, o que receberam da boca e dos costumes de nossos ancestrais das florestas virgens... e mesmo de nossos “selvagens” contemporâneos (tão selvagememente tratados por alguns de nossos pseudo-civilizados compatriotas). Lévi-Strauss e mesmo a mais moderna das correntes filosóficas francesas, o estruturalismo, podem confirmá-lo.

Foi somente no século XVIII, contudo, que começou a existir entre nós uma certa repercussão das idéias francesas. Inicialmente, por intermédio de um dos maiores moralistas franceses do século XVII, La Rochefoucauld, que se encontra na base das idéias de nosso primeiro pensador, Matias Aires, na obra de 1752, **Reflexões sobre a vaidade dos homens**. Em seguida, no fim do século, pela leitura dos “enciclopedistas”, mestres dos intelectuais brasileiros, que lançaram e pagaram com sua vida ou sua liberdade, nosso primeiro movimento importante pela independência, em 1789. Os livros dos enciclopedistas ou de Voltaire eram introduzidos clandestinamente, através das alfândegas, onde sempre havia um censor a postos, porque as barreiras de idéias eram, nesta época, tão rigorosas quanto o são hoje as barreiras econômicas e financeiras. O **Mercúrio** era lido às escondidas. Porque o governo português perseguia então, com a mesma virulência que hoje se emprega entre nós contra as idéias “comunistas”, aquilo que se chamava de “as idéias francesas”, em favor da descolonização e da liberdade política.

Um dos conjurados desse movimento, o poeta Silva Alvarenga, foi neste momento o introdutor do verso alexandrino em nossa poesia, a qual até então era exclusivamente fundada na poética portuguesa, que não empregava jamais esse tipo de verso. Molière foi um dos mestres desse poeta, em alguns de seus poemas satíricos. Pode-se dizer, pois, que Molière foi o patriarca da influência da literatura francesa sobre a nossa literatura. Desculpe-me de não oferecer, expressamente, referências bibliográficas mais precisas, a fim de não prolongar esta exposição sumária.

Se as idéias francesas de filosofia política desempenharam um papel importante na queda de nossa servidão colonial no século XVIII, elas também tiveram uma certa influência em nossa primeira Constituição do Império, em 1823, que deve muito a Benjamin Constant e a seu liberalismo

son libéralisme monarchique. Notre première Constitution républicaine, de 1891, est aussi bien en grande partie l'écho des idées d'Auguste Comte et du mouvement positiviste qui a pris un essor considérable, chez nous, à partir des environs de 1850, avec Teixeira Mendes et Miguel Lemos, surtout autour des écoles polytechniques et militaires.

La philosophie cependant, a toujours été un des côtés les plus faibles de toute la pensée latino-américaine. Elle n'a été, de son origine jusqu'à nos jours, qu'un reflet des différents courants de la pensée universelle, spécialement de ceux qui sont venus de France, d'Angleterre et d'Allemagne.

Si, dans le domaine littéraire, le rythme de notre évolution intellectuelle a été le mouvement de pendule entre le pôle atlantique et le pôle tellurique, entre l'universalisme et le localisme, que les hispano-américains appellent le **mondonovismo**, — dans le domaine philosophique on peut dire que le vent a soufflé toujours du Vieux Monde. Pendant le XIX siècle trois philosophes et penseurs français ont joué, au Brésil, un rôle capital dans l'évolution de nos idées spéculatives et pratiques: Victor Cousin, Auguste Comte et Ernest Renan.

Je vous fais grâce de la citation de noms et d'ouvrages qui ne vous diraient rien et dont la plupart, même pour nous autres, n'ont aujourd'hui qu'une valeur purement historique.

L'éclectisme de Victor Cousin et de son élève Charvat a dominé, chez nous, pendant la première moitié du XIX siècle, période de transition entre la scolastique, déjà assez corrompue, qu'on enseignait aux séminaires religieux de la période coloniale jusqu'à la fin du XVIII siècle, et la réaction rationaliste et positiviste qui s'est produite au milieu du XIX siècle.

Celle-ci a inspiré les premiers ouvrages de nos penseurs laïques fortement influencés par Herbert Spencer, pour l'évolutionisme naturaliste, par Haeckel et Noiré, pour le monisme matérialiste et surtout par Auguste Comte. La pensée de Comte, par l'importance qu'elle donne aux sciences naturelles, qui lui servirent d'introduction chez nous, par sa religiosité humanitaire et par son autoritarisme politique, a été, des trois courants, celui qui a laissé sans aucun doute, le plus de traces et recruté encore des adeptes assez vigilants et respectables.

L'oeuvre de Renan, comme celle de Lamennais, ont eu de même une influence décisive sur la génération du milieu du XIX siècle. Un de nos plus grands poètes romantiques, Alvares de Azevedo, qui est mort à vingt ans en 1852, avait dans sa chambre d'étudiant pauvre, à São Paulo, trois portraits: Napoléon, Victor Hugo et Lamennais! Trois génies français. Trois pensées révolutionnaires.

Mais tandis que l'influence de Comte représentait le passage d'un dogmatisme spiritualiste à un dogmatisme positiviste, celle de Renan

monárquico. Nossa primeira Constituição republicana, de 1891, é também, em grande parte, o eco das idéias de Augusto Comte e do movimento positivista, que teve um surto considerável entre nós, a partir de meados de 1850, com Teixeira Mendes e Miguel Lemos, principalmente nas escolas politécnicas e militares.

Contudo, a filosofia sempre foi uma das faces mais frágeis de todo o pensamento latino-americano. Desde sua origem até nossos dias, ela não foi senão um reflexo das diferentes correntes do pensamento universal, especialmente das que provêm da França, da Inglaterra e da Alemanha.

Se, no domínio literário, o ritmo de nossa evolução intelectual foi o movimento pendular entre o pólo atlântico e o pólo telúrico, entre o universalismo e o localismo, que os hispanoamericanos chamam de **mondonovismo**, — no domínio filosófico pode-se dizer que o vento soprou sempre do Velho Mundo. Durante o século XIX, três filósofos e pensadores franceses desempenharam, no Brasil, papel capital na evolução de nossas idéias especulativas e práticas: Victor Cousin, Augusto Comte e Ernest Renan.

Eu os dispensei de ouvir a citação de nomes e obras que não lhes diriam nada e de que a maior parte, mesmo para nós, brasileiros, hoje só têm um valor puramente histórico.

O ecletismo de Victor Cousin e de seu aluno Charvat dominou entre nós durante a primeira metade do século XIX, período de transição entre a escolástica já bastante corrompida que se ensinava nos seminários religiosos desde o período colonial até o fim do século XVIII, e a reação racionalista e positivista que se produziu na metade do século XIX.

Esta reação inspirou as primeiras obras de nossos pensadores leigos, fortemente influenciados por Herbert Spencer, pelo evolucionismo naturalista, por Haeckel e Noiré, pelo monismo materialista e principalmente por Augusto Comte. O pensamento de Comte, pela importância que atribui às ciências naturais, que lhe serviram de introdução entre nós, por sua religiosidade humanitária e por seu autoritarismo político foi, das três correntes, a que sem dúvida alguma deixou a marca maior e ainda recruta adeptos vigilantes e respeitáveis.

A obra de Renan, como a de Lamennais, teve também uma influência decisiva sobre a geração da metade do século XIX. Um dos nossos maiores poetas românticos, Álvares de Azevedo, que morreu aos vinte anos, em 1852, tinha três retratos em seu quarto de estudante pobre, em São Paulo: Napoleão, Victor Hugo e Lamennais ! Três gênios franceses. Três pensamentos revolucionários.

Mas enquanto a influência de Comte representava a passagem de um dogmatismo espiritualista a um dogmatismo positivista, a

se distingua par l'introduction de l'agnosticisme religieux et de l'esprit sceptique, qui a dominé toute la génération brésilienne "fin de siècle".

Mais déjà, à la fin du siècle, un de nos grands intellectuels et diplomates, Joaquim Nabuco, a écrit ses mémoires, sous le titre *Ma formation*, originairement en français, "pour pouvoir être lu par Renan", comme il l'a dit lui-même, parce qu'il y racontait comment la lecture de l'auteur de la *Vie de Jésus* lui avait enlevé sa foi catholique, qu'il a par la suite reconquise, en Angleterre, au contact surtout de la pensée de Newman.

Ce renouveau spiritualiste allait prendre un essor assez considérable au commencement du XX siècle, et surtout après la Guerre 14-18, sous l'influence encore de penseurs français comme Bergson et ensuite Péguy, Léon Bloy, Bernanos, Mounier, Maritain et Gabriel Marcel, surtout Maritain et Bernanos, qui ont eu une influence assez grande sur la pensée moderne au Brésil et sur son renouveau spirituel. Ils continuent de l'avoir. Un musée Georges Bernanos, au moment du vingtième anniversaire de sa mort, vient d'être inauguré à la Croix des Ames, dans la maison qu'il a habité, à Barbacena, pendant quatre ans.

Plus récemment encore, trois mouvements de la pensée française contemporaine dans un sens non religieux, ou même anti-spiritualiste, comme autrefois le positivisme, ont commencé à avoir cours parmi nos plus jeunes générations: l'existentialisme de Sartre et de Merleau-Ponty; le structuralisme de Levi-Strauss et de ses disciples, qui d'ailleurs est né, si on peut le dire, de ses observations, pendant son séjour comme professeur à São Paulo, des moeurs de nos propres indiens, qui avaient déjà tellement impressionné Montaigne au XVI siècle et les encyclopédistes au XVIII, comme nous l'avons vu. Le néomarxisme d'Althusser et des marxologues français de nos jours a aussi une certaine audience, surtout parmi la plus jeune génération, en pleine lutte d'émancipation universitaire et politique, chez nous comme chez vous et partout.

Tout cela devrait être nourri de références, je le sais.

Mais vous comprenez les raisons pour lesquelles je vous fais grâce des citations; un travail d'érudition et de philosophie comparée plus approfondi devrait peut-être tenter quelque jeune étudiant de philosophie morale et politique, ou même d'histoire comparée de la philosophie, en quête d'un sujet de thèse !

*

Si nous nous tournons maintenant du côté littéraire les liens qui unissent notre vie intellectuelle à la vôtre sont encore plus serrés.

influência de Renan se distinguia pela introdução do agnosticismo religioso e do espírito cético, que dominaram toda a geração brasileira do "fim do século".

Mas já no fim do século, um de nossos grandes intelectuais e diplomatas, Joaquim Nabuco, escreveu suas memórias, intituladas **Minha Formação**, em francês no original, "para poder ser lido por Renan", como ele próprio disse, porque nelas narra como a leitura do autor de **A Vida de Jesus** roubara-lhe a fé católica, que Nabuco reconquistou em seguida na Inglaterra, principalmente em contato com o pensamento de Newman.

Esta renovação espiritualista tomaria um desenvolvimento considerável no começo do século XX, principalmente após a Guerra de 14-18, ainda sob a influência de pensadores franceses, como Bergson e, em seguida, Péguy, Léon Bloy, Bernanos, Mounier, Maritain e Gabriel Marcel; Maritain e Bernanos, principalmente, tiveram uma influência muito grande sobre o moderno pensamento do Brasil e sobre sua renovação espiritual. Continuam a tê-la. Um museu Georges Bernanos, por ocasião do vigésimo aniversário de sua morte, foi inaugurado em Cruz das Almas, na casa em que ele morou, durante quatro anos, em Barbacena.

Recentemente, três movimentos do pensamento francês contemporâneo, num sentido não-religioso ou mesmo anti-espiritualista, como outrora o positivismo, começam a ser divulgados entre as nossas gerações mais jovens; o **existencialismo** de Sartre e de Merleau-Ponty; o **estruturalismo** de Lévi-Strauss e seus discípulos, que nasceu, ademais, se se pode dizer, das observações que Lévi-Strauss fez dos costumes dos nossos índios, durante sua estadia como professor em São Paulo; tais costumes já haviam impressionado muito Montaigne no século XVI e os enciclopedistas do século XVIII, como já vimos. O **neo-marxismo** de Althusser e dos marxíólogos franceses de nossos dias também têm uma certa audiência, principalmente junto à geração mais jovem, em plena luta pela emancipação universitária e política entre nós, como entre os senhores e em toda a parte.

Tudo isso deveria ser nutrido por referências, eu sei.

Mas os senhores compreendem as razões pelas quais os dispenso das citações; um trabalho de erudição e de filosofia comparada mais aprofundado deveria talvez tentar algum jovem estudante de filosofia moral e política, ou mesmo de história da filosofia, em busca de um tema de tese !

*

Se agora nos voltarmos para a face literária, os laços que unem nossa vida intelectual à da França, serão ainda mais cerrados.

On peut même affirmer que, si notre indépendance politique a été une conséquence indirecte des guerres napoléoniennes qui ont permis le déplacement de la royauté portugaise de Lisbonne à Rio, ce qui explique d'ailleurs l'Empire brésilien, au milieu des républiques hispano-américaines, presque jusqu'à la fin du XIX siècle — notre indépendance culturelle a été une conséquence directe de l'influence française.

Pendant la période coloniale notre petit mouvement littéraire était en liaison directe avec celui du Portugal. L'esprit classique et baroque des poètes des trois premiers siècles de notre histoire littéraire faisait partie du cycle ibérique ou italique du classicisme. Ce n'est qu'à la fin du XVIII, que le premier roman écrit par un brésilien ou une brésilienne (il y a là-dessus une querelle pas encore définitivement éclaircie), révèle l'influence d'un mouvement européen d'origine française, "la Télémachomanie", inspiré des *Voyages de Télémaque* de Fénelon. C'est elle la première influence littéraire française sur un auteur brésilien, que ce soit Afonso de Gusmão ou Teresa Margarida, l'auteur des *Aventures de Diofane*, notre premier roman, en 1752.

C'est avec le romantisme, cependant, que l'axe transatlantique de la littérature brésilienne qui était celui de Lisbonne-Rio, devient celui de Paris-Rio.

Paris, 1836, c'est la date de l'édition du livre de poèmes ("*Souvenirs poétiques et saudades*) de Domingos G. de Magalhães, plutôt diplomate que poète, qui marque l'avènement du romantisme chez nous. Et, en même temps, l'affirmation consciente dans un manifeste signé par trois poètes brésiliens réunis alors à Paris — Magalhães, Porto Alegre et Torres Homem — de l'existence d'une littérature brésilienne autonome et distincte de la littérature portugaise.

Depuis 1816, une mission française de peintres, architectes et artistes s'était installée à Rio pour la fondation des études des beaux arts. Quelques années plus tard un modeste fonctionnaire de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, Ferdinand Denis, alla au Brésil et lança un appel aux poètes brésiliens, tout en essayant d'écrire une synthèse historique des lettres portugaises et brésiennes, pour qu'ils abandonnent les modèles classiques, les muses et les faunes, pour s'inspirer des tropiques. C'était le même recours à l'âme populaire et aux couleurs locales qui avait déclenché le mouvement romantique en Europe et un peu partout. Les poèmes et le manifeste dont je viens de vous parler ont été la réponse brésilienne à l'appel français.

A partir de ce moment l'histoire de la littérature brésilienne suit le même rythme que les écoles littéraires de France et de l'Occident en général, mais toujours dans ce balancement d'inspiration locale ou universelle dont j'ai fait mention auparavant.

Pode-se mesmo afirmar que, se nossa independência política foi uma conseqüência **indireta** das guerras napoleônicas, que permitiram o deslocamento da realeza portuguesa de Lisboa ao Rio, o que aliás explica a permanência do Império brasileiro no meio das repúblicas hispano-americanas, até quase o fim do século XIX — nossa independência cultural foi uma conseqüência **direta** da influência francesa.

Durante o período colonial, nosso pequeno movimento literário estava em relação direta com o de Portugal. O espírito clássico e barroco dos poetas dos três primeiros séculos de nossa história literária, fazia parte do ciclo ibérico ou itálico do classicismo. É somente no fim do século XVIII que o primeiro romance escrito por um brasileiro ou uma brasileira (existe sobre o assunto uma polêmica ainda não esclarecida definitivamente), revela a influência de um movimento europeu de origem francesa, “a Telêmacomania”, inspirado pelo *Viagens de Telêmaco*, de Fénelon. É a primeira influência literária francesa em autor brasileiro, quer seja Afonso de Gusmão ou Teresa Margarida, o autor de *Aventuras de Diófano*, nosso primeiro romance, em 1752.

É, contudo, com o romantismo, que o eixo transatlântico da literatura brasileira, que era o de Lisboa-Rio, torna-se o de Paris-Rio.

Paris, 1836: é a data da edição do livro de poemas (*Recordações poéticas e saudades*) de Domingos G. de Magalhães, mais diplomata que poeta. Marca o advento do romantismo entre nós. E, ao mesmo tempo, é a data da afirmação consciente da existência de uma literatura brasileira autônoma e distinta da literatura portuguesa, num manifesto assinado por três poetas brasileiros então reunidos em Paris — Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem.

Desde 1816, uma missão francesa de pintores, arquitetos e artistas tinha se instalado no Rio para fundar os estudos sobre belas artes. Alguns anos mais tarde, um modesto funcionário da Biblioteca Santa Genoveva, Ferdinand Denis, foi ao Brasil, tentando escrever uma síntese histórica das letras portuguesas e brasileiras e fez um apelo aos poetas brasileiros para que abandonassem os modelos clássicos, as musas e os faunos e se inspirassem nos trópicos. Foi o mesmo recurso à alma popular e às cores locais que desencadeou o movimento romântico na Europa e em toda a parte. Os poemas e o manifesto que acabo de mencionar foram a resposta brasileira ao apelo francês.

A partir desse momento a história da literatura brasileira segue o mesmo ritmo que o das escolas literárias na França e no Ocidente em geral, mas sempre nessa oscilação entre a inspiração local ou universal, que mencionei anteriormente.

Pode-se dizer, por exemplo, que as três gerações de poetas românticos, entre 1836 e 1871 (a data inicial que acabo de mencionar é a

On peut dire, par exemple, que les trois générations de poètes romantiques, entre 1836 et 1871 (la date initiale que je viens de mentionner et celle de la mort de Castro Alves, le dernier des grands romantiques), peuvent être placées sous l'égide de trois grands poètes français, successivement: Lamartine, pour la première, Musset, pour la seconde et Victor Hugo, pour la dernière, qu'on appelle aussi du nom de **condoreira**, inspiré de l'aigle des Andes du nom de **condor**. Vous voyez le balancement entre l'influence européenne, et spécifiquement française, de style, et celle des thèmes qui commencent à être inspirés des problèmes antonaux, particulièrement les moeurs des indiens et des nègres africains. Le thème de l'abolition de l'esclavage, par exemple, a été le **leitmotiv** dominant des poèmes du grand poète hugolâtre que je viens de citer. L'**hugolâtrie** d'ailleurs a été, pendant un certain temps, une des faces de notre romantisme humanitaire.

Comme chez vous, la réaction contre le romantisme a marqué les années centrales du XIX siècle. Réalisme et naturalisme ont déplacé la tonique littéraire de la poésie à la prose. Ce rôle que Lamartine, Musset ou Victor Hugo ont joué à l'égard de nos poètes romantiques, Zola et Flaubert l'ont tenu face aux romanciers de la seconde moitié du siècle, ainsi que Leconte de l'Isle et Théophile Gautier, pour nos grands parnassiens. Le roman brésilien est né du romantisme sans doute. Il est même nettement marqué par une préoccupation nationale qui a pris le nom d'**indianisme**, quand elle se sert des thèmes indigènes, mais qui se lance directement dans l'émancipation du langage des liens qui le liaient aux grammairiens portugais. José de Alencar a été le grand nom de cette émancipation et de la création d'une espèce d'épopée nationale romanesque en prose, dont l'inspirateur a été Balzac. Toujours la France, à la source des plus nationalistes de nos écrivains eux-mêmes.

Vers cette époque, c'est-à-dire, après 1870, la défaite de la France a déclenché un certain mouvement germanisant dans notre vie intellectuelle, mais surtout dans le domaine des idées et sous l'égide d'un juriste et penseur du Nord, Tobias Barreto, dont l'influence a été assez grande sur la jeune génération d'alors, mais pas dans le domaine littéraire quoi qu'il ait aussi essayé la lyre, mais assez gauchement.

C'est à ce moment, c'est-à-dire pendant la seconde moitié du siècle, que paraît Machado de Assis, le plus grand de nos écrivains, comme jusqu'aujourd'hui toute la postérité le consacre. Il venait du romantisme. Son premier travail de débutant a été même une traduction des **Travailleurs de la mer** de Victor Hugo, qui lui est attribuée. Ses poèmes, publiés à partir de 1864, sont fortement influencés par la poétique parnassienne, qui lui venait naturellement de France. Et il a même écrit, directement en français, des poèmes comme celui que je prends la liberté de vous citer et qui vous montre une anticipation de l'angoisse moderne, en 1870:

da morte de Castro Alves, o último dos grandes românticos), podem ser colocadas sob a égide dos três grandes poetas franceses, sucessivamente: Lamartine, para a primeira geração; Musset, para a segunda e Victor Hugo para a última, que se chama também de **condoreira**, inspirando-se na águia dos Andes chama de **condor**. Os senhores vêem o equilíbrio entre a influência européia e especificamente francesa, no estilo e a dos temas que começam a ser inspirados pelos problemas nacionais, particularmente os costumes dos índios e dos negros africanos. O tema da abolição da escravidão, por exemplo, foi o **leitmotiv** dominante dos poemas do grande poeta hugolatra que acabo de citar. A **hugolatria** foi, aliás, durante um certo tempo, uma das faces de nosso romantismo humanitário.

Como entre os senhores, a reação contra o romantismo marcou os anos centrais do século XIX. Realismo e naturalismo deslocaram a tônica literária da poesia à prosa. Este papel que Lamartine, Musset ou Victor Hugo representaram quanto a nossos poetas românticos, Zola e Flaubert o desempenharam face aos romancistas da segunda metade do século, assim como Leconte de l'Isle e Teófilo Gautier em relação aos nossos grandes parnasianos. O romance brasileiro nasceu, sem dúvida, do romantismo. É, mesmo, nitidamente marcado por uma preocupação nacional que tomou o nome de **indianismo**, quando se serviu dos temas indígenas, mas que se lança diretamente na emancipação da linguagem, dos laços que a vinculavam aos gramáticos portugueses. José de Alencar foi o grande nome desta emancipação e da criação de uma espécie de epopéia nacional romanesca em prosa, cujo inspirador foi Balzac. Sempre a França, na fonte dos mais nacionalistas de nossos próprios escritores.

Por essa época, isto é, após 1870, a derrota da França desencadeou um certo movimento germanizante na nossa vida intelectual, mas sobretudo no domínio das idéias e sob a égide de um jurista e pensador do Norte, Tobias Barreto, cuja influência foi bastante grande sobre a jovem geração da época, mas não no domínio literário, embora o filósofo também tenha tentado a lira, porém bastante canhestramente.

É nesse momento, isto é durante a segunda metade do século, que aparece Machado de Assis, o maior de nossos escritores, como até hoje toda a posteridade o consagra. Ele vinha do romantismo. Seu primeiro trabalho de principiante foi exatamente uma tradução, que lhe é atribuída, de **Os Trabalhadores do Mar**, de Victor Hugo. Seus poemas, publicados a partir de 1864, são fortemente influenciados pela poética parnasiana, que naturalmente lhe vinha da França. E ele até escreveu, diretamente em francês, poemas como o que tomo a liberdade de citar para os senhores, e que lhes mostra uma antecipação, em 1870, da angústia moderna:

UN VIEUX PAYS

Il est un vieux pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir;
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour le doute et pour l'espoir.

On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge,
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe
, Entre les bras du sombre ennui.

L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire,
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;
Parfois il rit gaiement, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.

On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur;
Je l'habite pourtant, j'y passe ma jeunesse...
Hélas ! ce pays, c'est mon coeur.

Ce beau poème, écrit directement en français sous l'influence apparent de Baudelaire et daté d'il y a presque un siècle, c'est la preuve que Machado de Assis n'a pas été, comme on pourrait le croire, un auteur dont l'humour signifie un "renversement" de nos alliances littéraires, du domaine des réalistes français pour celui des humorists anglais, qui ont sans doute fortement influencé l'auteur des **Mémoires posthumes de Braz Cubas**.

Ses auteurs de prédilection, avec Shakespeare, Sterne, et surtout les Saintes Ecritures, bien qu'il ait été un agnostique intégral, ont été Montaigne et Pascal. Si la clarté de son style était, sans doute, de type spécifiquement français, son équilibre apparent comme celui de Gide, était un composé d'extrêmes qui le touchaient sans le ligoter. Il faudrait encore rappeler ce que notre critique littéraire, du XIX siècle doit à Taine et à Brunetière, comme nos études sociologiques de l'époque à Frédéric Le Play et à l'école de la Science Sociale. Quel monde d'idées à exploiter, dans le domaine comparatif !

*

Notre fin de siècle littéraire a été, de nouveau, un reflet du vôtre à l'ombre du symbolisme, mais avec une couleur locale de type essentiellement tragique qui représente aujourd'hui un phénomène universel: la **négritude**, du nom proposé par Léopold Senghor. Deux poètes de cette fin de siècle symboliste se détachent nettement. L'un d'eux,

UM VELHO PAÍS

É um velho país, cheio de sombra e de luz,
Onde se sonha o dia, onde se chora a noite;
Um país de blasfêmia e de oração,
Nascido para a dúvida e para a esperança.

Aí, não se vê flores sem verme que as roa,
Nem mar sem tempestade, ou sol sem noite;
A felicidade, aí, às vezes aparece, num sonho
Entre os braços do tédio sombrio.

O amor muitas vezes o visita; mas é um delírio,
Um desespero sem fim, um enigma sem palavra
Às vezes, ri alegremente, mas com o riso aterrador
Que não é, talvez, mais que um soluço.

Caminha-se neste país de miséria e embriaguez,
Mas apenas o entrevemos, saímos dele, temos medo;
Contudo, eu o habito; passo aí minha juventude...
Ai de mim ! este país, é o meu coração.

Este belo poema, escrito diretamente em francês, aparentemente sob a influência de Baudelaire e com quase um século, é a prova que Machado de Assis não foi, como se poderia crer, um autor cujo humor signifique uma “reviravolta” de nossas alianças literárias, do domínio dos realistas franceses para o dos humoristas ingleses, que sem dúvida influenciaram fortemente o autor de **Memórias póstumas de Braz Cubas**.

Seus autores prediletos, com Shakespeare, Sterne e principalmente as Santas Escrituras, apesar de ele ter sido um agnóstico integral, foram Montaigne e Pascal. Se a clareza de seu estilo era, sem dúvida, de tipo especificamente francês, seu equilíbrio aparente, como o de Gide, era uma síntese dos opostos, que o tocava sem o prender. Seria preciso recordar ainda aquilo que nossa crítica literária do século XIX deve a Taine e a Brunetière, como o que nossos estudos sociológicos da época devem a Frédéric Le Play e à escola da Ciência Social. Que mundo de idéias a explorar, no domínio comparativo !

*

Nosso fim de século literário foi, novamente, um reflexo do dos senhores, à sombra do simbolismo, mas com uma cor local, de tipo essencialmente trágico, que hoje representa um fenômeno universal: a **negritude**, segundo o nome proposto por Léopold Senghor. Dois poetas

Alphonsus de Guimarães, a tellement absorbé le symbolisme français de cette époque, qu'on l'appelle "le Verlaine brésilien". L'autre, Cruz e Souza, était un nègre, que nous pouvons appeler sans hésitation un génie poétique de la négritude, et qui deviendra un jour, j'en suis sûr, une expression de la littérature universelle. Pour le moment, il n'est même pas traduit en français qui est encore, Dieu le veuille pour toujours, l'interprète attiré de nos solitudes linguistiques.

Notre XX siècle "avait deux ans", comme l'épopée napoléonienne vue par Victor Hugo, quand une nouvelle période littéraire allait s'ouvrir. Nous l'appelons "pré-moderniste", parce que vingt ans après, en 1922, le mouvement dit moderniste se déclenche, comme autrefois le romantisme en 1836, en partie du moins venant de Paris. Toujours la France, pour nous rappeler, comme Ferdinand Denis s'adressant à nos classicistes rénitents, à nos racines tropicales, trop oubliées à côté de nos racines méditerranéennes.

En 1902 ce fut le tour de deux révélations littéraires où le tropicalisme se mêlait à l'universalisme: un récit sociologique, par Euclides da Cunha, du choc entre **Les deux Brésils** (suivant le titre d'un livre écrit par votre éminent sociologue Jacques Lambert sur notre pays), celui de la côte et celui de l'intérieur; et un roman social sur le thème du métissage entre la colonisation allemande et nos races de couleur africaine, indigène et leur mélange avec les colonisateurs portugais. Graça Aranha, disciple de Barrès, a été l'auteur de ce roman social, devenu classique, **Chanaan**, et d'une pièce de théâtre symboliste sur un sujet de folklore brésilien, **Malazarte**, écrite en français et jouée pour la première fois à Paris, par la troupe de Lugné-Poe en 1912.

Quant à l'influence d'Anatole France, à cette époque, il en faudrait tout un chapitre.

Le modernisme, comme je l'ai dit, à partir de 1922, a été un mouvement de la génération suivante, où Graça Aranha a joué un rôle d'animateur, directement tourné vers une révolution du style et un contact plus direct avec la réalité nationale, si complexe et si variée.

Ce nationalisme littéraire, qui a été depuis lors la voie royale de notre plus récente littérature, a lui-même reçu son choc initial en 1912, — avec le fameux poème **Panama** de Blaise Cendrars, lui-même obsédé par notre pays, qui a inspiré plusieurs de ses livres, — ainsi que des contacts qu'un de nos écrivains les plus originaux de cette époque révolutionnaire, Osvald de Andrade, a eu chez vous avec vos écrivains de la première avant-guerre, comme Paul Fort et son groupe. Ils annonçaient, de loin, l'avènement du cubisme, du surréalisme, du concrétisme, de l'abstractivisme ou de l'unanimisme, en somme de tous les mouvements les plus récents de vos arts et de vos lettres, qui ont eu des reflets

desse fim de século simbolista destacaram-se, nitidamente. Um deles, Alphonsus de Guimarães, absorveu tanto o simbolismo francês dessa época, que o chamamos de "o Verlaine brasileiro". O outro, Cruz e Souza, era um negro que, sem hesitação, podemos chamar de um gênio poético da negritude e que se tornará um dia, estou certo, uma expressão da literatura universal. No momento, não está sequer traduzido em língua francesa, a qual ainda é, e Deus permita que seja sempre, a intérprete oficial de nossas solidões lingüísticas.

Nosso século XX "tinha dois anos", como a epopéia napoleônica vista por Victor Hugo, quando um novo período literário começou a se abrir. Nós o chamamos de "pré-modernista", porque vinte anos depois, em 1922, o movimento dito modernista se desencadeia (como o romantismo outrora, em 1836), vindo, ao menos em parte, de Paris. Sempre a França, como Ferdinand Denis dirigindo-se aos nossos classicistas renitentes, para nos recordar nossas raízes tropicais, tão esquecidas, ao lado das nossas raízes mediterrâneas.

Em 1902, foi a vez das revelações literárias, em que o tropicalismo mesclava-se ao universalismo: uma narrativa sociológica, por Euclides da Cunha, do choque entre **Os dois Brasís** (segundo o título de um livro escrito sobre o nosso país, pelo eminente sociólogo francês Jacques Lambert), o da costa e o do interior; e um romance social sobre o tema da mestiçagem, entre a colonização alemã e nossas raças de cor africana, indígena e sua mistura com os colonizadores portugueses. Graça Aranha, discípulo de Barrès, foi o autor desse romance social que se tornou clássico, **Canaã**, e de uma peça de teatro simbolista sobre um tema do folclore brasileiro, **Malazarte**, escrita em francês e representada pela primeira vez em Paris, pelo grupo de Lugné-Poe em 1912.

Quanto à influência de Anatole France, nessa época, seria necessário um capítulo inteiro.

O modernismo, como já disse, a partir de 1922, foi um movimento da geração seguinte, para a qual Graça Aranha desempenhou um papel de animador, diretamente voltado para uma revolução do estilo e um contato mais estreito com a realidade nacional, tão complexa e tão variada.

Este nacionalismo literário, que foi desde então a via régia de nossa literatura mais recente, recebeu seu impulso inicial em 1912 — com o famoso poema **Panamá** de Blaise Cendrars, este também um obcecado pelo nosso país, que serviu de inspiração para muitos de seus livros — bem como dos contatos que um de nossos escritores mais originais dessa época revolucionária, Oswald de Andrade, teve com os escritores franceses da geração que precedeu a primeira Grande Guerra, como Paul Fort e seu grupo. Anunciavam, de longe, o surgimento do cubismo, do surrealismo, do concretismo, do abstracionismo ou do unanimismo, em suma de todos os movimentos mais recentes das artes e letras francesas, que tiveram reflexos consideráveis entre nós, no movimento recente das artes e letras.

considérables dans le mouvement récent des arts et des lettres chez nous. On disait, autrefois, que les idées et les formes mettaient vingt ans à traverser l'Atlantique. Maintenant, avec la radio et l'avion, elle mettent quelques heures ou même quelques minutes à faire la traversée...

Et que dire de ce groupe d'éminents professeurs de vos universités qui, à partir de Georges Dumas, ont exercé une forte influence dans les études philosophiques, sociales, historiques et littéraires, avec Robert Garric, le Père Lebreton O.P., Maurice Byé, Fortunat Strowski, qui ne sont plus là et ceux qui sont là en pleine forme comme Jacques Lambert, Ruellan ou Deffontaines, ou comme ici même nos éminents confrères et maîtres René Poirier, Victor Tapié, Gaston Leduc, Gabriel Marcel et tant d'autres.

Ce serait tout un Chapitre à part, dans le domaine de la formation universitaire et de l'action sociale, qu'il me serait, malheureusement, impossible d'aborder.

L'influence française au Brésil, cependant, pour ne parler que du point de vue strictement intellectuel, n'est pas sans rencontrer, comme vous le savez, des concurrents puissants et des réactions hostiles. Les nouvelles générations ou bien se ferment dans un nationalisme méfiant, ou bien regardent du côté de la Russie et même de la Chine, ou se tournent vers l'anglais, comme langue pragmatique et technologique de notre époque, aussi familière aux jeunes brésiliens d'aujourd'hui que le français l'était pour nous autres il y a un demi-siècle. Pour ne pas revenir à beaucoup plus d'un siècle en arrière, en 1860 notre premier supplément littéraire d'un grand journal de Rio de Janeiro, était rédigé en français et nos ancêtres d'alors avaient en permanence, à Rio, pendant toute l'année au moins une troupe française de théâtre. Et en 1897, quand Machado de Assis et Joaquim Nabuco ont fondé notre Académie brésilienne, c'est sur le modèle de la vôtre qu'ils l'ont organisée.

Tout cela est peut être du passé et vous savez mieux que moi qu'on ne refait jamais le temps perdu.

Mais je peux vous assurer que même les nouvelles générations, les plus pénétrées d'un esprit révolutionnaire intégral, suivent de très près tout ce qui nous vient de chez vous, non seulement dans le domaine strict des lettres et des arts, mais dans celui des idées et de l'action. Vos mouvements de jeunesse, par exemple, et tout ce qu'on a commencé à faire ici au mois de mai de bon ou de mauvais, autour de la révolution universitaire, a eu un énorme retentissement chez nous, vieillards en retraite compris ainsi que les jeunes enragés...

Je crois même que nous sommes, en bloc, beaucoup plus timides, que vous autres. Et peut-être même beaucoup moins jeunes que ce Vieux Monde, dont la France continue d'être, pour nous, une lumière et un foyer. Tâchez de ne pas nous décevoir.

Parce que la France, pour beaucoup d'entre nous, c'est toute notre jeunesse. Et qui sait, je l'espère, le renouvellement continu de la jeunesse du monde.

Dizia-se, outrora, que as idéias e formas levavam vinte anos para atravessar o Atlântico. Agora, com o rádio e o avião, elas levam algumas horas ou mesmo alguns minutos para fazer a travessia...

E que dizer desse grupo de eminentes professores das universidades francesas que, a partir de Georges Dumas, exerceram uma forte influência nos estudos filosóficos, sociais, históricos e literários, com Robert Garric, o Padre Lebreton O.P., Maurice Byé, Fortunat Strowski, que já não existem e aqueles que vivem em plena forma como Jacques Lambert, Ruellan ou Deffontaines, ou como aqui mesmo, nossos eminentes confrades e mestres René Poirier, Victor Tapié, Gaston Leduc, Gabriel Marcel e tantos outros.

Isto constituiria um capítulo inteiro, à parte, no domínio da formação universitária e da ação social que, infelizmente, me é impossível abordar.

Contudo, a influência francesa no Brasil, para só falar do ponto de vista estritamente intelectual, não deixa de encontrar, como os senhores sabem, concorrentes poderosos e reações hostis. As novas gerações ou se fecham num nacionalismo desconfiado ou enfocam seu interesse na Rússia e mesmo na China, ou se voltam para o inglês, como língua pragmática e tecnológica de nossa época, tão familiar aos jovens brasileiros de hoje como o era o francês a nós, há meio século. Para não voltar atrás mais que um século, em 1860 nosso primeiro suplemento literário de um grande jornal do Rio de Janeiro era redigido em francês e nossos ancestrais de então mantinham permanentemente no Rio, durante todo o ano, ao menos um grupo francês de teatro. E em 1897, quando Machado de Assis e Joaquim Nabuco fundaram nossa Academia brasileira, foi segundo o modelo da dos senhores, que a organizaram.

Tudo isso faz, talvez, parte do passado e os senhores sabem, melhor do que eu, que não se refaz nunca o tempo perdido.

Mas posso assegurar-lhes que mesmo as novas gerações, mais penetradas por um espírito revolucionário integral, seguem muito de perto tudo que nos vem da França, não somente no domínio estrito das letras e das artes, mas também no das idéias e da ação. Os movimentos da juventude francesa, por exemplo, e tudo que se começou a fazer, aqui, de bom ou de mau, no mês de maio, acerca da revolução universitária, teve uma enorme repercussão entre nós, dos velhos aposentados aos jovens impacientes...

Creio mesmo que somos, em bloco, muito mais tímidos que os franceses. E talvez até muito menos jovens que esse Velho Mundo, de que a França continua a representar para nós, luz e morada. Tratem de não nos decepcionar.

Porque a França, para muitos dentre nós, é a nossa própria juventude. E, espero que seja, quem sabe, a renovação contínua da juventude do mundo.

(Tradução: Constança Marcondes Cesar)